

www.supremoconcilio.org.br

Revista do Pastor

Edição 36 | Março 2025

ITEJ

A IGREJA E OS DESAFIOS ATUAIS

E MAIS »

■ ELE VEM! *Confira pág. 05*

■ PESSOAS E SISTEMAS *Confira pág. 09*

Catedral da Bênção – QSF AE 4/5, Taguatinga Sul, Brasília-DF, CEP: 72025-500

Atenção Pastores e Superintendentes!

Não perca a oportunidade de manter a sua igreja atualizada e preparada para **A Grande Colheita**.



Faça já o **seu pedido** e garanta a quantidade que você precisa.

REVISTA DO PASTOR *Editorial*

Vivemos tempos desafiadores para a Igreja de Cristo. O mundo está armado até os dentes para sucumbir o espírito humano e educar a mente das pessoas para um tipo de conduta carnal e egoísta, fora do amor. Os princípios fundamentais da fé cristã são, cada vez mais, confrontados por uma sociedade que relativiza valores e incentiva um estilo de vida distante da santidade. Em meio a essa realidade, a Igreja precisa reafirmar seu compromisso com Deus e com o Seu Reino, sendo luz em tempos de escuridão.

Por outro lado, percebemos que o cuidado com as pessoas precisa se sobrepor a um sistema desumanizador que prioriza a produtividade, a competição e o individualismo. Além disso, os líderes cristãos enfrentam dificuldades para se manterem encorajados, necessitando do apoio e da intercessão da Igreja.

A dissolução de valores fundamentais, a perseguição crescente e a alienação em tempos de individualismo ameaçam a identidade cristã, tornando essencial o resgate da comunhão e do compromisso com a fé. A preparação dos jovens também se torna um ponto de urgência, exigindo novas ações e investimento no tempo de qualidade para que cresçam firmes no Evangelho.

Como líderes, precisamos agir diante do quadro que se apresenta. Sendo justificável ou não, os desafios externos e internos precisam ser enfrentados, contidos e resolvidos, uma vez que eles visam destruir a unidade da Igreja.

Apesar dos desafios, o Reino de Deus continua avançando, e a Igreja não pode parar. Permanecemos perseverantes e atentos, trabalhando como multiplicadores do Reino de Deus!



Prª Adriana Francelino Affonso
Coordenação Editorial SEC-SCT/ITEJ



ÍNDICE

05 | ELE VEM!

09 | PESSOAS E SISTEMAS

16 | DISSOLUÇÃO DE VALORES

21 | A PERSEGUIÇÃO

25 | A ALIENAÇÃO DA IGREJA EM TEMPOS DE INDIVIDUALISMO

29 | INFLUÊNCIA NA PREPARAÇÃO DOS JOVENS

34 | A INFLUÊNCIA DO POVO DO REINO

40 | EVANGELHO COACH X EVANGELHO RAIZ

IGREJA TABERNÁCULO EVANGÉLICO DE JESUS

Presidente: Ap. Jair de Oliveira

Bispos: A.C. Palaroni, Wilson J. Ribeiro, Jaime Caieiro, Daniel de Oliveira, Paulo Ribeiro

Secretários: Pr. Arcentik Dias, Pra. Ana Paula Oliveira e Pr. Marcus Galdino

REVISTA DO PASTOR

Conselho Editorial

Bp. A.C. Palaroni, Missª. Andréia Palaroni, Prª. Adriana Francelino Affonso, Pr. Sebastião Nascimento e Pr. Davi Melo.

Editora chefe: Adriana Francelino Affonso | **E-mail:** icb.revistadopastor@gmail.com

Diagramação e Arte Final: Anderson Ligado | **Capa:** Anderson Ligado (61) 99214-2306

Colaboradores: Apóstolo Jair de Oliveira, Bispo A. C. Palaroni, Miss. Moisés R. Oliveira, Pr. Hilquias B. Vieira, Pr. Sebastião Nascimento, Pr. Abner Chernne Alves e Pr. Lucas Medeiros.

Endereço: Catedral da Bênção - QSF AE 4/5, Taguatinga Sul, Brasília-DF,

CEP: 72025-500 | FONE: (61) 3033-9900



ELE VEM!

Os dias em que vivemos são escatológicos, pois, diante de nossos olhos, vemos se cumprir profecias e sinais que há muito foram deixados registrados nas Escrituras, a fim de nos preparar. Quando falamos preparar, estamos nos referindo a assumir a posição correta diante daquilo que o Senhor chamou de sinais, ou, mais precisamente, o “princípio das dores” (Mc 13.8).

Em seu sermão profético, o Mestre usou este termo para se referir a eventos que marcariam os tempos e as estações em que viveremos, como sinais a indicar

em que época estamos. Ele deixou tão claro que voltará, quanto deixou claro que daquele dia e hora ninguém sabe (Mt 24.36). Porém, aí estão os sinais, o princípio das dores que indicam que o “parto” se aproxima. Desde a ascensão do Senhor, as dores sempre estariam aqui, porém, quando elas se tornassem mais frequentes, é sinal de que a hora se aproxima. O Senhor disse que, diante das dores, que seriam apenas o princípio daquilo que ainda virá ao mundo, haverá duas reações diferentes.

De um lado haverá pessoas angustiadas, perplexas,

por causa do bramido das ondas no mar das nações rugindo (Sl 46.6), furiosas, espumando, levantando suas ondas bravias; as pessoas sabem que, basta o apertar de botões por parte de um líder possuído ou megalomaniaco e o tsunami virá, devastador; homens desmaiarão de terror pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo, qual será o próximo vírus, a próxima pandemia, a próxima ordem de distanciamento social, o fechar do comércio, o proibir das viagens, a quebra da economia, a incerteza do que vai se comer amanhã.

Como se já não bastasse o terror que o homem causa a si mesmo, sinais estranhos aparecem no sol, na lua e nas estrelas; uns dizem que são seres de outros planetas; outros dizem que são projeções de algum projeto secreto dos governos; outros dizem que o inferno abriu sua boca; e, enquanto isso, os homens estão com expectativa, e esta expectativa os faz desmaiar de terror.

Os “poderosos” gostam disso, pois, o medo mantém as pessoas sob controle, e, por isso, vendem mais medo. Basta ligar a TV para ingerir uma boa dose de medo, medo paralisante. Há um inimigo invisível que sabe que o medo é uma fé negativa. É a crença de que algo ruim acontecerá. Deus opera através da fé; o diabo, através do medo. Por isso,

“

*Há um
inimigo invisível
que sabe que o medo
é uma fé negativa. É
a crença de que algo
ruim acontecerá.*

”

através dos seus agentes, ele semeia o medo. Quando Jesus disse a Jairo, “não tenha medo, tenha fé” (Mc 5.36), estava mostrando que o oposto à fé é o medo.

Se tem algo que presenciemos muito no ano da pandemia (2020) foi o medo. A OMS, desde o começo do ano, e antes disso, trazia informações sobre um vírus que se espalhava pelo mundo e informava a importância da prevenção. Igrejas comandadas por líderes equilibrados levavam o povo a se prevenirem e a andarem de conformidade com as regras indicadas pela medicina. A proibição de ajuntamentos não era uma perseguição religiosa; era prevenção mesmo. Até aí, tudo bem! Porém, disfarçada de prevenção surgia uma paranoia que transformou a luta contra uma doença em terror e depressão. Os ânimos se exaltaram e, ao invés de se unirem contra a pandemia, as pessoas se dividiram pelo medo e por essa paranoia. Muitos já acordavam angustiados e com a sensação de que o mundo estava acabando. Alguns meios de comunicação, por motivações políticas, pela filosofia do “quanto pior, melhor”, exageravam nos dados e faziam a coisa parecer pior do que de fato estava. E, com isso, as pessoas começaram a desmaiar de medo.

O pior foi ver a comu-

nidade da fé, desmaiando de medo como se algo imprevisível estivesse acontecendo. É claro que houve aqueles que foram para o extremo oposto e queriam ignorar a situação e taxavam de “sem fé” aqueles que tomavam as medidas necessárias. Falta de conhecimento das Escrituras leva ao fanatismo, que é uma imitação deturpada da fé. Mas, quanto aos outros (muitos!), que não praticaram apenas o distanciamento social, mas, sim, entraram em coma da fé, estes se esqueceram que o Senhor disse que um dos sinais dos tempos, do princípio das dores, somente registrado por Lucas (21.11), seria a epidemia. Se perguntassem para Jesus se esta pandemia é o fim, Ele lhes responderia como respondeu aos discípulos: “Tudo isto é apenas o princípio das dores”. Nada novo está acontecendo. Esta pandemia passará e outras virão, infelizmente. Faz parte! Faz parte do trabalho de parto.

Nós não podemos ser sinal dos tempos ao fazer parte daqueles que desmaiam de medo, pois, o Senhor falou de um povo que deverá, e irá assumir outra postura. Ele falou de um povo que não deveria andar ansioso de coisa alguma pois, “até os cabelos de suas cabeças estão todos contados” e que “nenhum deles se perderá” (Lc 12.7; 21.18). Ele

falou de um povo que, quando der de cara com as dores, que serão somente o começo, irão se alegrar e levantar a cabeça. Mas isso não será fruto de negação, pois o Senhor disse que eles também verão estas coisas acontecerem; eles não são cegos nem alienados; eles são cuidados por Deus, mas, estão aqui neste mundo do qual já foram avisados que passariam por aflições (Jo 16.33). Eles terão sua cota de dores também. O motivo de sua exultação e postura de dignidade é que eles sabem que Ele vem! Eles sabem que a consumação da redenção que começou em suas vidas está para se cumprir. O tetelestai do Senhor na cruz ainda tem seu ponto a se cumprir com a criação que a um só tempo, geme e suporta angústias até agora, e aguarda este momento (Rm 8.22,23).

Este povo se alegra, de cabeça erguida, pois eles olham para o Autor e Consumador da sua fé (Hb 12.2). Eles sabem que as nuvens sombrias indicam que a tempestade vem, mas não é a tempestade que estão aguardando. Eles estão aguardando o Noivo, eles creem na promessa daquele que disse: “Visto que guardaste a palavra da minha perseverança, eu te guardarei da hora que há de vir para pôr a prova os moradores da terra.” (Ap 3.10).

Por terem o Livro na

“

O que a igreja experimentou no dia de Pentecostes foram as primeiras chuvas, mas, nos últimos dias...

”

mão, na boca e no coração, este povo sabe que não há o que possa impedir esta hora, que há de vir sobre a terra e, mesmo antes que ela venha, as primeiras dores alcançarão a todos, assustando uns e preparando outros. O Apóstolo dos gentios era homem de fé e esperança, mas disse que, nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis (2 Tm 3.1). Eles já estão aqui, e não há frase de efeito que possa mudar isso. Mas, O Livro também diz que nos últimos dias o Senhor derramará Seu Espírito sobre toda carne (At 2.17). O que a igreja experimentou no dia de Pentecostes foram as primeiras chuvas, mas, nos últimos dias... Sim, haverá um grande derramar do Espírito Santo. No livro do Apocalipse, o “filho do trovão” descreveu as sete

chamas de fogo que ele viu diante do trono de Deus. Ele mesmo interpretou: “São os sete Espíritos de Deus” (Ap 4.5). Não sete Espíritos Santos, mas, o Espírito Santo sete vezes intensificado.

Os últimos tempos serão tempos de se enfrentar a fúria de Satanás que sabe que seu tempo está se esgotando (Ap 12.12). Ele enviará sua tropa de elite. Os últimos tempos serão dias de manifestações demoníacas como nunca vistas antes. Porém, elas darão de cara com um povo revestido com o Espírito Santo, sete vezes intensificado.

Será um tempo de muita apostasia, de muito abandono da fé, de muito escândalo, mas, o remanescente fiel marcará presença para a glória do Cordeiro. Deus nunca fica sem suas testemunhas, sem aqueles em cujas bocas a palavra é como chamas de fogo; aqueles revestidos da autoridade do alto para fechar os céus e abrir novamente; aqueles que serão sinal de Deus para esta geração (Ap 11.3-6). A última geração saberá que foi visitada por Deus.

Este povo é a Igreja com “I” maiúsculo, que exulta no meio do bramido das ondas do mar, pois sabe que está aqui aquele que até as ondas do mar e o vento lhe obedecem (Mc 4.41). Esta Igreja é o candelabro de sete braços (Ap 1.20), posta

“

***Esta igreja está
aqui para trazer espe-
rança ao mundo. Esta
é a igreja triunfante.
Ele vem!***

”

aqui para iluminar as trevas e mostrar o caminho, mostrar que ainda dá tempo de buscar ao Senhor (Is 55.1). Ela está aqui para dizer: “o fim vem! O fim vem, sobre os quatro cantos da terra” (Ez 7.2). Mas, este fim não é o fim do mundo dos filmes de Hollywood, mas sim, o cumprimento dos propósitos de Deus com a humanidade. Esta igreja está aqui para trazer esperança ao mundo. Esta é a igreja triunfante. Ele vem!

Precisamos estudar as profecias bíblicas, ou, como se diz na linguagem teológica, a escatologia, a doutrina das últimas coisas e nos posicionarmos. Trata-se de uma das partes mais difíceis da doutrina cristã. Não é para menos, pois, o Deus que conhece o futuro deixou algumas coisas reveladas a nós, geralmente em linguagem figurada, que faz necessária a interpretação.

Não temos nas profecias bíblicas nada para satisfazer nossas curiosidades, somente aquilo que precisamos saber mesmo e, dentro do que podemos saber, há aquelas coisas que só entenderemos quando acontecerem.

Veja o caso das profecias acerca da primeira vinda do Messias que se cumpriram na pessoa e no ministério do Senhor Jesus. São centenas delas espalhadas pelas páginas do AT. O Povo de Israel estava familiarizado com os textos e profecias do AT e, mesmo assim, quando Jesus se manifestou, eles não O reconheceram porque não viram nEle o cumprimento das profecias que eles conheciam tão bem. Estamos falando de um povo que passava a vida estudando e decorando as Escrituras e que, porém, não conseguiu ver o cumprimento das profecias nelas contidas. Jesus não se encaixava na escola de interpretação deles. Nós corremos o mesmo perigo!

Basta pegar os milhares de livros de escatologia para ver as inúmeras escolas de interpretação existentes. Diante delas temos que, em primeiro lugar, saber em que todas concordam. Isso não é difícil. Todas concordam que Jesus voltará, que haverá uma nova vida nos céus, que haverá um período difícil no final dos tempos, que haverá um julgamento. Mas, quando se entra nos detalhes

destes eventos, começam as diferenças. Temos que ter em mente que ensino escatológico só transforma um movimento em seita quando nega estes pontos vitais quanto às últimas coisas. Se um movimento nega a volta de Jesus, o julgamento dos vivos e dos mortos, a eternidade etc., virou seita.

Nossa posição é pré-tribulacionista, ou seja, cremos que a Igreja será arrebatada antes dos juízos da Grande Tribulação; nossa posição é pré-milenista, ou seja, cremos que, depois da Grande Tribulação e antes da eternidade, o Senhor Jesus reinará nesta terra por mil anos. Meu propósito é despertar o povo de Deus a que fique atento quanto ao tempo em que vivemos e a ter uma noção do que nos aguarda, levando-nos a uma vida de maior santidade.

Igreja triunfante! Ele vem!



Apóstolo Jair de Oliveira
Servo do Senhor Jesus



PESSOAS E SISTEMAS

O tipo de liderança que exercemos poderá produzir frutos intermináveis enquanto vivermos o propósito de edificação da CASA ou não. Diante desse fato, é necessário revermos com certa urgência qual tem sido a prioridade da nossa liderança, se temos nos apegado a ferro e fogo ao sistema ou se temos pegado a nossa cruz (renúncia), e nos sacrificado na edificação de pessoas para se tornarem semelhantes a Jesus em ca-

ráter e propósito. Ter essa questão bem definida é de grande relevância para a intenção sincera do nosso coração, e isso só Deus conhece, porque podemos estar servindo ao Senhor com prioridades invertidas e com um coração longe do dEle.

O que vem primeiro, o sistema ou as pessoas? As pessoas existem para dar suporte ao sistema ou o sistema é que é necessário para desenvolver a vida

espiritual do homem e da mulher de Deus? Por que o sistema é necessário? Se conseguirmos entender claramente essa questão, colocar pessoas e sistema em ordem e decidirmos viver com intensidade a nossa liderança, a CASA que estamos edificando tomará dimensões que nem a nossa imaginação é capaz de alcançar, tanto em nível qualitativo, de maturidade espiritual, quanto quantitativo, seremos surpreendidos. Enquanto não

tivermos o entendimento correto acerca de que são as pessoas que servem ao sistema ou o sistema que serve as pessoas, nossa obra será de natureza insustentável o tempo todo.

Qualidade e Quantidade

Sabemos que a maneira como cada um edifica será provada pelo fogo, essa CASA pode resistir ou não aos violentos ataques desferidos contra ela pelas paixões da carne, o sistema do mundo e o diabo. Junto com outros amigos, passamos por experiências parecidas em relação à expansão e retração do crescimento da Igreja, e aprendemos que esse avanço pode ser crescente e prevalecente ou pode ser tipo “efeito sanfona”, ora está lá em cima, ora lá embaixo. Quando isso acontece repetidas vezes, entramos em crise e colocamos em dúvida o nosso chamado.

Portanto, nem sempre quantidade significa que a edificação é prevalecente e está sendo executada da forma correta, pode ser só o efeito de uma expectativa despertada no coração daquelas pessoas por um mover sobrenatural ou um discurso que tocou em cheio o coração delas,

“

Necessitamos decidir se vamos cuidar, priorizar o sistema ou se vamos levar os salvos e líderes da CASA ao pleno conhecimento da verdade sobre Cristo, apenas utilizando o sistema para esse fim.

”

e isso as faz acreditar que encontraram o ambiente espiritual que sempre desejaram viver em Deus, e só.

Esse é o tipo de crescimento sem qualidade, em algum momento aquela nuvem de glória se torna passageira, em algum momento ela não existirá mais, e aquelas pessoas que foram tocadas percebem que necessitavam de algo mais. É como alguns dos anúncios descarregados diariamente pelas redes sociais em nosso smartphone oferecendo produtos de uma única venda, a euforia da aqui-

sição do produto acaba quando percebemos que seu nível de qualidade é limitado e não pode nos dar tudo o que ofereceu. Certa vez comprei uma frigideira que prometia fritar ovos sem a necessidade de óleo, devido à sua estrutura antiaderente ser única, na terceira fritada perdi os ovos. Já passou por alguma experiência parecida? Nós não só atraímos pessoas às nossas reuniões, mas as edificamos em Cristo. Quando há qualidade a edificação cresce e permanece.

Por que pessoas entram e saem de uma igreja após um tempo de grande euforia e alegria? Por que líderes perdem a intensidade e tornam-se infrutíferos? Porque aqueles que os lideram colocaram o sistema acima delas. Necessitamos decidir se vamos cuidar, priorizar o sistema ou se vamos levar os salvos e líderes da CASA ao pleno conhecimento da verdade sobre Cristo, apenas utilizando o sistema para esse fim.

O Que Chamo de “Cuidar do Sistema”?

Vou procurar tornar o entendimento dessa questão bem simples, tomando um ou mais exemplos de comportamentos

que desenvolvemos no dia a dia da vida da igreja, e que passam a ideia de que as pessoas estão no reino de Deus servindo e obedecendo uma estrutura, que são apenas parte de um sistema que faz as coisas acontecerem sem dar-lhes a devida importância, cuidado e ensino. Não queremos saber da vida delas e de suas necessidades, importa-nos se está cumprindo a sua função para não comprometer o funcionamento do sistema. Mas elas são muito importantes, Deus deu a elas dons para servi-Lo naquela função, porém, sabemos que há dias maus e precisamos compreender isso.

Há um tempo atrás, conversei com meu filho, Pr. Isrhaell, sobre um episódio ocorrido em sua reunião de liderança na igreja. Ele havia notado a ausência de um irmão nos cultos e perguntou ao pastor responsável se já havia entrado em contato com ele. O pastor respondeu que enviou uma mensagem de WhatsApp, mas não obteve resposta, concluindo que o irmão não tinha compromisso com a igreja. No entanto, ao ligar diretamente para ele, meu filho descobriu que ele estava doente e em tratamento médico, enfrentando grande indisposição.

“

Jesus tinha um sistema, mas foi criado por causa das pessoas, o que o movia não era o sistema, mas a compaixão pelo estado das pessoas.

”

Esse episódio me fez refletir sobre a importância de olharmos para as pessoas com amor e cuidado, buscando entender suas reais necessidades em vez de apenas cobrar compromissos institucionais.

A pergunta é: qual deve ser a ordem de importância, o serviço e compromisso com os resultados da CASA ou a atenção às diversas situações que estamos sujeitos e que nos deixa inseguros, desanimados, oprimidos, deprimidos? Entende o que eu chamo de sistema? O que temos priorizado hoje na Igreja, o compro-

metimento das pessoas com o sistema (elas são ótimas só quando fazem coisas e são produtivas), ou o nosso comprometimento com a vida delas na edificação dessa CASA?

Jesus tinha um sistema, mas foi criado por causa das pessoas, o que o movia não era o sistema, mas a compaixão pelo estado das pessoas. Eu aprendi que para termos o coração de alguém basta uma simples atitude de amor, e são estes pequenos atos no futuro que nos impedem de dizer não. O sistema exige, mas o amor doa a vida pelo outro.

Por Que Expandimos ou Retraímos?

Essa é uma boa e oportuna hora para desmistificar alguns mitos, que no decorrer dos tempos, tornaram-se a máxima da verdade na Igreja, e entre eles, está o de que o sistema é o protagonista do crescimento do reino de Deus. Essa retórica não traduz a realidade absoluta desse fato. Quando há crescimento, o sistema é venerado, quando não há, é o sistema que não funciona. Até onde isso pode ser verdade ou não? Já percebi que sistemas funcionam com uns e não com outros, portanto se não há produ-

“

Se os líderes da CASA não abrirem os olhos para o óbvio, haverá um tempo em que restará só o sistema e algumas lembranças saudosistas de realizações temporais, nada mais do que isso, só história.

”

tividade, a culpa não é do sistema, mas ele já provou que pode ajudar o líder a expandir o seu trabalho de edificação com o testemunho frutífero de outros líderes. Sinceramente, o que deveríamos fazer quando não estamos sendo frutíferos é olhar na direção das pessoas que o Senhor nos confiou para cuidar, conhecer o seu estado espiritual, físico e emocional, dedicando nossa vida a elas. O sistema não pode fazer isso.

O sistema puro cobra apenas resultados, sem se importar com a situação emocional, física, financeira, familiar, espiritual

e ministerial das pessoas, porém, qualquer ser humano sofre com esses problemas. Quem nunca sofreu um revés na vida? Os líderes acham que quando elas não funcionam mais, algo está errado com o sistema, enquanto a verdade é que algo está errado com eles.

Os tempos de refrigério e relaxamento da alma são como os intervalos de uma partida de futebol, bem pequenos, daqui a pouco estamos outra vez frente a frente com o adversário em novas pelejas. Como podemos esperar que essas questões relacionadas à vida do ser humano não afetem sua produtividade, desacelerem sua intensidade e o levem a “puxar a campainha do ônibus” pedindo para descer na próxima parada?

O Que Afeta o Nosso Ânimo

“Se te mostras fraco no dia da angústia, a tua força é pequena.” - Provérbios 24.10

Se os líderes da CASA não abrirem os olhos para o óbvio, haverá um tempo em que restará só o sistema e algumas lembranças saudosistas de realizações temporais, nada mais do que isso, só história. Ire-

mos procurar por pastores, discipuladores, líderes e não encontraremos mais essas pedras vivas, antes atuantes. Por quê? Porque vieram os tempos difíceis, eventos negativos e inesperados que tomaram as suas vidas e suas almas caíram em um profundo estado de tristeza e desânimo deixando-os prostrados, não conseguiram ver mais nada ao seu redor de forma positiva.

Esse sentimento é simplesmente devastador, controla a nossa vida e compromete o nosso chamado. Já passei por isso algumas vezes, é muito difícil! Dou graças a Deus por pessoas que entenderam que primeiro vem o ser humano e depois o sistema, se não as tivesse encontrado, não estaria mais por aqui.

Principal Sintoma do Desânimo

O principal sintoma do desânimo é a angústia, que vem com força destruidora nos dias maus, esse terrível sentimento pode chegar à alma de qualquer ser humano, salvo ou não, líder da CASA ou não. Caracterizado por um forte aperto no coração, um abafamento, ele altera drasticamente o comportamento do líder e

“

Dou graças a Deus por pessoas que entenderam que primeiro vem o ser humano e depois o sistema, se não as tivesse encontrado, não estaria mais por aqui.

”

das pessoas ligadas a ele, porque sentimento é algo que conseguimos transferir, nós transferimos alegria e tristeza naturalmente.

Quantos líderes pararam com a edificação da CASA, não lideraram mais ou perderam a sua intensidade porque a depressão foi maior do que a sua força? Meu apóstolo Jair de Oliveira sempre está nos alertando, dizendo que pessoas necessitam de Deus, mas também precisam de pessoas.

Até hoje eu lido com situações que afetam meu estado de ânimo, acredi-

te, a ponto de mudar meu comportamento e desacelerar a edificação da CASA. As experiências vão revelando a verdadeira tenacidade do nosso coração em relação a isso ou aquilo. Adversidades como: falta de dinheiro, problemas familiares, falta de resposta ao ensino, deslealdade de pessoas queridas, perseguições de falsos irmãos e crises existenciais bateram na minha cara, criaram embaraços e incômodos que quase me deixaram na lona. Foi durante essas experiências que aprendi porque as pessoas que já alcançaram um certo nível de maturidade, se comportam em tempos de angústia, de maneira diferente daquelas que ainda não chegaram aos mesmos níveis.

Como Pessoas Maduras Comportam-se na Angústia?

Já vimos que a angústia pode afetar negativamente o estado de ânimo de qualquer pessoa, podendo distanciá-la do seu propósito e transformar sua vida num caos completo. A Bíblia nos ensina pelo menos três coisas que devemos fazer durante esse tempo que parece não ter fim. Não devemos permanecer ali prostrados e deprimidos, é preciso re-

cobrar o ânimo. O que eu faço então?

1 - Oro ao Senhor - Salmos 50.15

“Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás.”

2 - Alimento-me da Palavra - Salmos 119.91-94

“Não fosse a tua lei ter sido o meu prazer, há muito já teria eu perecido na minha angústia. Nunca me esquecerei dos teus preceitos, visto que por eles me tens dado vida. Sou teu; salva-me, pois eu busco os teus preceitos.”

3 - Faço amigos - Provérbios 17.17

“Em todo tempo ama o amigo, e na angústia(ele) se faz o irmão.”

Relacionamento, a Chave Mestra da Edificação

Que resposta imediata você daria se fosse perguntado sobre como Jesus edificou os seus discípulos, sua primeira igreja com doze membros, que em pouco tempo multiplicaram-se numa multidão, espalhando-se por toda a terra? Qual forma Ele empregou para que nenhum deles se perdesse, a não

ser o “filho da perdição”? Oração, jejum, ensino e santidade? Se a resposta for sim, então porque igrejas estão em processo de retração apesar de estarem orando, jejuando, ensinando a verdade e comprometidos com a santidade? O que foi perdido na institucionalização da Igreja? O relacionamento horizontal entre os irmãos, na vertical vamos até mais ou menos. Essa forma jamais poderá ser vista como um sistema ou substituída por um sistema, o que Jesus fez e deu certo é o que funciona até hoje. Tudo que Jesus conseguiu através dos seus discípulos, foi usando a extraordinária chave mestra do relacionamento.

“Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento”. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.” - Mateus 22.37-40

Jesus fez questão de dizer que em Sua CASA o relacionamento com as pessoas é tão importante

**“
Tudo que Jesus
conseguiu através
dos seus discípulos,
foi usando a extra-
ordinária chave
mestra do relaciona-
mento.**

quanto o relacionamento espontâneo que temos com o Pai eterno. Como assim? Você se sente obrigado a orar, jejuar, dizer e adorar ao Senhor? Sei que não, isso é resultado do prazer e satisfação de servir intimamente o Senhor. Do mesmo modo, portanto, é como devemos relacionar-nos com nossos irmãos; algo prazeroso e que faz bem a eles e a nós também.

O amor é revelado por meio de atitudes que tocam o coração, e quando isso acontece não conseguimos dizer não a quem nos tocou. Foi o que Jesus fez, foi dessa forma que edificou as primeiras vidas

em Seu reino, aquelas que deram início à construção da Sua grande CASA. Ele deu importância aos seus doze primeiros discípulos, servindo-os com toda a pureza de coração, de modo semelhante a que se dedicou ao PAI.

Porém, o relacionamento pode trazer com ele um inimigo camuflado de alto risco, a hipocrisia. Ela se dá quando tocamos a vida das pessoas pela necessidade de alimentar um sistema e pela busca no interesse pessoal. Infelizmente há milhares de homens e mulheres de Deus frustrados e decepcionados, não acreditam e nem confiam em mais ninguém, porque descobriram que estavam apenas sendo usadas, suas vidas não significavam nada para quem parecia importar-se com elas.

“O amor seja sem hipocrisia. Detestai o mal, apegando-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros.” - Romanos 12.9-10

Já se sentiu enganado alguma vez? Creio que sim! Por que nos deixamos ser enganados? Porque quem conectou-se a nós, tocou-nos com atenção,

provisão e honra, prendendo nosso pobre coração a ela, porém todas essas ações eram acompanhadas de interesses pessoais, de beneficiar-se, e não de importar-se com o real estado da nossa vida. Esse é o amor fingido de que Paulo fala que devemos evitar a todo custo. É perverso e maligno, porque parece ser justo, mas não é; parece estar preocupado com a gente, mas pouco está se importando. Já fomos amados por gente assim, que se sacrificou por nós, conquistou nosso coração e em seguida partiu, porque conseguiu o que queria ou porque não respondemos às suas intenções como esperava.

Jamais conseguiremos edificar uma grande CASA para Deus morar e expressar-se por meio dela, se a nossa liderança for exercida para beneficiar o sistema e não as pessoas, o sistema não pode ajudá-las a expandir sua fé, seus dons e sua salvação, até que cheguem à maturidade espiritual. Com isso, qualquer um se frustra, uma ferida é aberta em sua alma quando descobrem o verdadeiro propósito daquele relacionamento. A cura para esse tipo de trauma é bastante difícil, poucos se recuperam.

“

Amar a Deus é nossa prioridade, porém não esqueçamos de que Jesus fez questão de dizer que o relacionamento com as pessoas é tão importante quanto o relacionamento com Deus.

”

O Perigo de Uma Liderança Promíscua

O que é promiscuidade? Qual o significado dessa palavra? A definição para promiscuidade é bem simples: é quando tentamos compor um todo com elementos diferentes, formando uma mistura heterogênea. Por exemplo: obras das trevas e obras da luz, são de natureza e propósito completamente diferentes, se praticamos as duas, fazemos uma mistura, somos promíscuos em nossa vida espiritual. Nossa liderança torna-se promíscua quando o nosso relacionamento com as pessoas que evangeli-

zamos e batizamos não é focado na sua necessidade de salvação e maturidade espiritual, mas em alcançar metas de crescimento da CASA. Quando treino discípulos e matriculo-os nos cursos, minha real intenção é edificar a vida espiritual dessas pessoas ou apenas gerar mais um líder na formação do meu grupo de discipulado? Se estamos motivados pela primeira situação, precisamos evitar esse tipo de pecado em nossa liderança, se alguns de nós caíram nele, é tempo de se levantar e voltar ao primeiro amor, o amor não fingido.

Amar a Deus é nossa prioridade, porém não esqueçamos de que Jesus fez questão de dizer que o relacionamento com as pessoas é tão importante quanto o relacionamento com Deus. Quanta gente percebeu que a atenção que recebiam não era por amor a ela, mas para alimentar um sistema. Ouvi bastante gente dizendo: “depois que aceitei Jesus e me batizei nunca mais voltaram aqui, só vivem me chamando agora para isso ou aquilo”. Precisamos tratar essa realidade se queremos edificar uma Igreja de Vencedores.

Bispo A. C. Palaroni

(Adaptado do livro “Nos Bastidores do Trilho”)

DISSOLUÇÃO DE VALORES

“Para que, se eu tardar, fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade.” - 1 Tm 3.15 (ARA)

Coluna: *λοσ* stulos de stuo (reforçar, propriamente semelhante 1) pilar 2) coluna; pilares de fogo, chamas erguendo-se como pilares; 3) suporte ou sustentáculo; Baluarte: *εδραιωμα* hedraioma; suporte, apoio, escora;

Verdade: *αληθεια* aletheia 1) objetivamente; 1b) que é verdade em qualquer assunto em consideração; verdadeiramente, em verdade, de acordo com a verdade; de uma verdade, em realidade, de fato, certamente; 1b) que é verdade em coisas relativas a Deus e aos deveres do ser humano, verdade moral e religiosa.

A dissolução de valores na igreja é um tema cada vez mais debatido,

pois muitos acreditam que algumas tradições e princípios éticos fundamentais estão se perdendo ao longo do tempo. A igreja, que historicamente serviu como um pilar moral e uma fonte de orientação espiritual, enfrenta desafios significativos à medida que a sociedade se torna mais pluralista e secular. A pressão para se adaptar a mudanças culturais e tecnológicas muitas vezes leva a concessões e interpretações mais fle-



xíveis de valores que, em outras épocas, eram vistos como inegociáveis.

Um dos principais fatores que contribuem para essa dissolução é a busca por relevância e inclusão. Muitos líderes religiosos sentem que, para atrair e manter os fiéis, a igreja precisa se adaptar aos valores da sociedade moderna, o que pode significar flexibilizar suas posições em questões como ética sexual, comportamento pessoal e visão de mun-

do. Essa adaptação, embora possa tornar a igreja mais acessível para algumas pessoas, também gera críticas de que ela está abrindo mão de princípios centrais para agradar o público.

Além disso, o crescente materialismo e a busca por status e prosperidade financeira têm influenciado o ambiente religioso, dando origem ao fenômeno da “teologia da prosperidade”. Esse tipo de doutrina distorce

“

Um dos principais fatores que contribuem para essa dissolução é a busca por relevância e inclusão.

”

ensinamentos tradicionais e coloca o foco em ganhos materiais, desviando-se dos valores de humildade e compaixão, que sempre foram centrais ao cristianismo. Essa tendência pode ser vista como uma diluição dos valores fundamentais da fé em favor de objetivos temporais e individuais.

Outro aspecto relevante é a perda de autoridade moral e de credibilidade causada por escândalos e abusos dentro da própria instituição. Muitos membros da igreja perderam a confiança em seus líderes, o que contribui para o enfraquecimento dos valores transmitidos. Quando a própria instituição não consegue manter os padrões éticos que prega, surgem dúvidas sobre sua integridade e capacidade de guiar os fiéis.

Para enfrentar a dissolução de valores, é essencial que a igreja redescubra sua identidade e propósito na centralidade de Cristo. Isso envolve reavaliar o equilíbrio entre adaptação cultural e preservação de princípios essenciais, espiritualidade prática e conhecimento de Deus, além de promover uma liderança que seja autêntica e moralmente íntegra. Ao invés de simplesmente seguir as tendências sociais, a igreja

pode se tornar um espaço onde valores sólidos e universais sejam defendidos e vivenciados de forma genuína, oferecendo uma alternativa consistente e confiável em meio às mudanças e incertezas do mundo.

A Dissolução de Valores na Igreja Atual: Corrupção, Sexualidade, Política, Moral e Ética

A igreja, historicamente, sempre desempenhou um papel fundamental na formação dos valores morais e espirituais da sociedade. Durante séculos, suas doutrinas e práticas influenciaram a

conduta de milhões, oferecendo um conjunto sólido de princípios que guiavam o comportamento individual e coletivo. No entanto, nos últimos tempos, a instituição religiosa tem enfrentado desafios intensos que a fazem questionar e reavaliar sua própria integridade moral e espiritual. Entre os principais tópicos destacáveis estão a corrupção, a sexualidade, a política, a moral e a ética, áreas em que, para muitos, os valores da igreja parecem estar se diluindo.

1. Corrupção na Igreja

Um dos fatores mais preocupantes para os fiéis é a presença de corrupção dentro da própria instituição religiosa. Casos de má administração de recursos financeiros, enriquecimento ilícito e exploração da fé têm sido relatados em várias denominações e congregações. Esse problema abrange desde desvio de ofertas e dígitos até esquemas mais complexos de lavagem de dinheiro e venda de influência política e social. A corrupção não apenas afasta os fiéis como também desacredita a autoridade moral da igreja, criando um paradoxo entre o discurso espiritual e a prática co-

“

Para enfrentar a dissolução de valores, é essencial que a igreja redescubra sua identidade e propósito na centralidade de Cristo.

”

tidiana de muitos líderes religiosos.

Para restaurar a confiança dos fiéis, é necessário que a igreja implemente práticas de transparência e responsabilidade, promovendo uma gestão financeira ética e sustentável. A criação de auditorias independentes e a prestação de contas aos membros da comunidade são algumas medidas que podem ajudar a combater essa dissolução de valores.

2. Sexualidade e Escândalos

A questão da sexualidade tem sido uma área de intenso conflito dentro da igreja moderna. Além dos escândalos de abusos sexuais que abalaram diversas instituições religiosas, especialmente a Igreja Católica, o discurso sobre temas como orientação sexual, identidade de gênero e comportamentos sexuais causa divisões entre os fiéis. Enquanto algumas igrejas adotam uma postura conservadora e rígida em relação à sexualidade, outras tentam adotar uma abordagem mais inclusiva e aberta.

Os escândalos de abuso, em particular, têm um impacto devastador na imagem da igreja, pois expõem uma falha insti-

tucional em proteger os vulneráveis. A resposta lenta e, em muitos casos, ineficaz a esses abusos, com tentativas de encobrimento e falta de apoio às vítimas, agrava ainda mais a crise de valores e de confiança. Para a igreja, enfrentar de maneira transparente esses escândalos e revisar sua posição sobre sexualidade é essencial para recuperar a credibilidade.

3. Política e Interesses Partidários

A relação entre igreja e política é complexa e historicamente enraizada, mas, nos últimos tempos,

“

A relação entre igreja e política é complexa e historicamente enraizada, mas, nos últimos tempos, tem se tornado mais conflituosa e questionável.

”

tem se tornado mais conflituosa e questionável. O envolvimento de líderes religiosos em campanhas políticas, o apoio a candidatos específicos e a defesa de pautas que favorecem determinados partidos ou ideologias põem em risco a imparcialidade e a independência da igreja. Em muitos casos, a influência política da igreja é utilizada como meio de manipulação dos fiéis e como plataforma para ganhos de poder.

Esse alinhamento político pode ser interpretado como uma traição aos ensinamentos religiosos, que deveriam transcender interesses partidários e focar em princípios universais de amor, compaixão e justiça. A igreja, para manter sua relevância e integridade, precisa reconsiderar seu papel na política e buscar um posicionamento que promova o bem comum sem se tornar uma extensão de partidos ou grupos de interesse.

4. Crise Moral

A crise moral na igreja atual está ligada à incoerência entre os valores pregados e as práticas observadas. A moralidade religiosa, que deveria ser uma âncora para os fiéis, muitas vezes entra em

choque com a realidade de escândalos, discursos contraditórios e hipocrisia dentro das lideranças. Essa disparidade gera confusão e desilusão nos membros, que passam a questionar a sinceridade e autenticidade dos valores que a igreja diz defender.

Além disso, em uma sociedade cada vez mais informada e conectada, as falhas e contradições morais são expostas e amplificadas, o que torna mais difícil para a igreja ignorar esses problemas ou mantê-los fora do conhecimento público. Esse cenário exige um retorno aos fundamentos da moral cristã, priorizando a integridade, a humildade e o serviço ao próximo.

5. Ética e Transparência

A ética é o princípio que deveria nortear todas as ações e decisões dentro da igreja. No entanto, questões éticas têm sido frequentemente ignoradas em benefício de objetivos institucionais ou pessoais. A falta de transparência em decisões, o tratamento desigual entre membros e líderes, e a ausência de accountability (responsabilização) em casos de abusos e irregularidades são alguns dos problemas que ilustram essa dissolu-

ção de valores éticos.

Para resgatar sua relevância e reconquistar a confiança dos fiéis, a igreja precisa adotar uma postura ética em todas as suas esferas de atuação. Isso envolve não apenas evitar escândalos, mas também criar um ambiente de respeito, honestidade e justiça, onde os membros se sintam acolhidos e valorizados.

Em conclusão, a dissolução de valores na igreja atual é um problema que exige uma resposta urgente e significativa. Os desafios enfrentados em áreas como corrupção, sexualidade, política, moral e ética colocam em risco a legitimidade da igreja como instituição e como referência de valores espirituais. Para sobreviver e prosperar em um mundo em constante mudança, a igreja precisa de um retorno aos princípios fundamentais de transparência, humildade, responsabilidade e amor ao próximo, e também não perder sua essência que é o sobrenatural.

Esses temas, embora difíceis, oferecem uma oportunidade para a igreja se reposicionar e reconquistar o espaço perdido. A mudança pode começar com pequenas ações dentro das comunidades locais e progredir para uma

“

Para resgatar sua relevância e reconquistar a confiança dos fiéis, a igreja precisa adotar uma postura ética em todas as suas esferas de atuação.

”

transformação abrangente, capaz de restaurar a confiança dos fiéis e reafirmar os valores centrais do cristianismo.

“Tens, contudo, em Sardes, umas poucas pessoas que não contaminaram as suas vestiduras e andarão de branco junto comigo, pois são dignas. O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos.”
- Ap. 3:4,5

Miss. Moisés Roberto Oliveira
ICB Governador Valadares - MG



A PERSEGUIÇÃO

“Felizes os perseguidos por causa da justiça, pois o reino dos céus lhes pertence. Felizes são vocês quando, por minha causa, sofrerem zombaria e perseguição, e quando outros, mentindo, disserem todo tipo de maldade a seu respeito. Alegrem-se e exultem, porque uma grande recompensa os espera no céu. E lembrem-se de que os antigos profetas foram perseguidos da mesma forma.” – Mateus 5.10-12,

NVT.

Vivemos tempos de incerteza e mudança no cenário global, e, para a Igreja de Cristo, isso não é diferente. Ao observarmos os acontecimentos que moldam o mundo hoje, é impossível ignorar o aumento alarmante da perseguição aos cristãos em diversos países. Esses eventos, muitas vezes ofuscados pelas notícias diárias, representam uma luta constante pela liber-

dade de professar a fé cristã. Mas, como cristãos, temos o dever de estar atentos e solidários com nossos irmãos que enfrentam tamanha oposição.

Recentemente, ao pesquisar sobre a perseguição aos cristãos no mundo (para este artigo), os números que encontrei foram impressionantes e, ao mesmo tempo, devastadores. Cerca de 365 milhões de cristãos enfrentam algum nível

de perseguição severa, de acordo com o relatório da Portas Abertas. Isso significa que 1 em cada 7 cristãos no mundo vive sob constante ameaça, seja de violência física, discriminação ou pressões sociais e governamentais. Esse número é tão impressionante quanto preocupante e deve nos levar a refletir profundamente sobre o estado da liberdade religiosa no mundo atual.

A Geografia da Perseguição

A Coreia do Norte continua a ser, pelo 23º ano consecutivo, o lugar mais perigoso do mundo para um cristão viver. A simples posse de uma Bíblia pode levar à morte ou a uma vida de tortura e trabalho forçado em campos de concentração. Imagine viver sob uma ditadura onde a fé é vista como uma ameaça ao regime, e cada reunião de oração é clandestina, com o medo constante de ser descoberto. Não é difícil perceber o enorme fardo que nossos irmãos carregam em tal ambiente. Entretanto, a Coreia do Norte é apenas um exemplo extremo de um problema muito mais difundido.

Outros países, onde os cristãos enfrentam perseguição severa incluem

Somália, Líbia, Eritreia, Iêmen, Nigéria, Paquistão, Sudão, Irã e Afeganistão. Nesses lugares, a prática do cristianismo é vista como uma afronta à cultura local, ao governo ou à religião dominante. No Afeganistão, por exemplo, a simples conversão ao cristianismo pode resultar na execução, enquanto na Nigéria, cristãos são alvo de ataques de grupos terroristas como o Boko Haram, que visam erradicar qualquer influência cristã na região.

Nos últimos anos, a África Subsaariana emergiu como uma das regiões mais violentas para os cristãos. Países como Nigéria e Burkina Faso têm visto um aumento nas atividades de grupos extremis-

tas islâmicos que visam exterminar comunidades cristãs inteiras. A perseguição aqui assume uma forma brutal: aldeias são atacadas, igrejas incendiadas, cristãos assassinados, sequestrados ou forçados a fugir. Em muitos desses lugares, ser cristão significa viver sob constante ameaça de morte.

A Perseguição Silenciosa

Mas nem toda perseguição é violenta. Em países como China e Índia, onde os governos exercem um controle rigoroso sobre a população, a perseguição se manifesta de forma mais sutil, porém não menos cruel. O governo chinês, por exemplo, utiliza tecnologia de vigilância avançada para monitorar e controlar as atividades religiosas. Igrejas clandestinas são frequentemente fechadas, pastores são presos e os cristãos vivem sob um regime de constante vigilância. O Partido Comunista Chinês tem tentado submeter as igrejas ao controle estatal, o que significa que qualquer expressão de fé que não se alinhe aos interesses do governo é severamente reprimida.

Na Índia, o nacionalismo hindu tem levado a uma crescente intole-

“

Igrejas clandestinas são frequentemente fechadas, pastores são presos e os cristãos vivem sob um regime de constante vigilância.

”

rância contra cristãos, especialmente nas áreas rurais. Muitos pastores e evangelistas são atacados por turbas*, suas igrejas são destruídas, e eles enfrentam pressão constante para renunciarem à sua fé. Em ambos os países, a perseguição é alimentada por um desejo de controlar a religião e eliminar qualquer influência externa que possa desafiar o poder e as tradições locais.

Outro aspecto que merece destaque é o impacto da pandemia de COVID-19. Enquanto o mundo lutava contra o vírus, em alguns países, a pandemia foi usada como uma ferramenta para aumentar a repressão aos cristãos. Em lugares como Índia e Paquistão, cristãos foram discriminados na distribuição de ajuda humanitária, e o fechamento de igrejas foi usado como pretexto para limitar ainda mais suas atividades religiosas.

As Consequências da Perseguição

Os efeitos da perseguição vão muito além da dor e do sofrimento físico. Eles atingem a alma e o espírito das comunidades cristãs afetadas. Quando uma igreja é incendiada, não é apenas um edifício que se perde, mas um centro de fé, esperança e co-

munhão que é destruído. Quando um cristão é morto ou preso, toda a sua comunidade sente o impacto da perda.

Os números são assustadores: quase 5 mil cristãos foram mortos por causa de sua fé no último ano. Mais de 2 mil igrejas foram atacadas ou fechadas, e 5.846 cristãos foram detidos sem julgamento, presos ou aprisionados. Esses números são uma chamada de atenção para todos nós. Cada uma dessas vidas representa uma história, uma fé que foi posta à prova, e, em muitos casos, uma fé que perseverou até o fim.

Causas da Perseguição

A perseguição aos cristãos tem raízes complexas. Em alguns lugares, ela é motivada pelo extremismo religioso, como acontece em países de maioria islâmica ou hindu, onde o cristianismo é visto como uma ameaça à cultura e religião dominante. Em outros, é o resultado de regimes autoritários que veem a fé cristã como uma ameaça ao seu controle absoluto, como é o caso da China e da Coreia do Norte.

Além disso, há o fator do nacionalismo religioso, que tem crescido em

“
Os efeitos da perseguição vão muito além da dor e do sofrimento físico.
”

várias partes do mundo. Na Índia, o conceito de “hindutva” — a ideia de que a Índia deve ser uma nação exclusivamente hindu — tem levado a uma intolerância crescente contra qualquer expressão religiosa que não seja o hinduísmo. Isso tem resultado em ataques violentos contra cristãos e outras minorias religiosas.

Respostas Internacionais e o Papel da Igreja

Diante de tanta dor e sofrimento, a comunidade internacional tem se mobilizado, embora de forma lenta e limitada, para tentar enfrentar essa

crise. Organizações como Portas Abertas e International Christian Concern (ICC), têm documentado casos de perseguição e pressionado governos a agirem. No entanto, a resposta global ainda é insuficiente. Muitos governos fecham os olhos para a perseguição religiosa em favor de interesses políticos e econômicos.

Como cristãos, temos a responsabilidade de fazer mais. A Igreja global não pode permanecer em silêncio enquanto nossos irmãos e irmãs são perseguidos. A intercessão é uma das armas mais poderosas que temos. Quando oramos por aqueles que estão sofrendo, nos unimos a eles em espírito e pedimos que Deus os fortaleça e os proteja. Podemos também apoiar organizações que trabalham diretamente com cristãos perseguidos, oferecendo ajuda prática, emocional e espiritual.

Reflexões Bíblicas sobre a Perseguição

A perseguição aos cristãos não é algo novo. Desde os primeiros dias da Igreja, os seguidores de Cristo têm enfrentado oposição. Jesus advertiu Seus discípulos de que eles seriam odiados por causa do Seu nome (João 15.18-

20). E essa realidade continua a se manifestar até hoje. No entanto, a Bíblia nos encoraja a ver a perseguição sob uma luz diferente. Em Mateus 5.10-12, Jesus declara: “Felizes os perseguidos por causa da justiça, pois o reino dos céus lhes pertence.”

Essas palavras podem parecer paradoxais, mas elas nos lembram que a perseguição, embora dolorosa, é também um sinal de que estamos no caminho certo. Aqueles que sofrem por Cristo têm uma recompensa eterna. E, como Igreja, devemos nos regozijar na certeza de que, embora o mundo possa nos odiar, o amor de Deus por nós nunca falhará.

A Igreja Local e a Perseguição Global

Como podemos, na nossa realidade local, fazer a diferença no cenário global de perseguição? Em primeiro lugar, devemos nos educar. Muitas vezes, ignoramos a gravidade da perseguição simplesmente porque não a vivemos diretamente. Ao estudar e compartilhar informações sobre o sofrimento de nossos irmãos, podemos criar conscientização e empatia dentro de nossas igrejas.

Além disso, a igreja local pode se envolver diretamente em ações prá-

ticas de suporte, seja por meio de campanhas de oração, apoio financeiro ou parcerias com missões que atuam em áreas de risco. Podemos usar nossa liberdade para agir em favor daqueles que não a têm.

Olhando para o cenário mundial, é impossível não se sentir tocado pela dor e pelo sofrimento de tantos cristãos ao redor do mundo. A perseguição é real, e sua intensidade está crescendo em várias partes do globo. Como Igreja, precisamos despertar para essa realidade, orar, agir e apoiar nossos irmãos e irmãs que estão na linha de frente dessa batalha espiritual. Que possamos ser uma Igreja unida, firme na fé e comprometida com aqueles que, mesmo em meio à perseguição, continuam a proclamar o nome de Jesus. Que Deus nos fortaleça e nos guie enquanto buscamos ser luz em meio às trevas.

“Sim, e todos que desejam ter uma vida de devoção em Cristo Jesus sofrerão perseguições.” – 2 Timóteo 3.12, NVT.

(* Turbas: Grande número de pessoas reunidas em movimento, normalmente em desordem ou com tendência para agir violentamente; turbilhão.)

Pr. Sebastião Nascimento
ICB Santos - SP



A ALIENAÇÃO DA IGREJA

EM TEMPOS DE INDIVIDUALISMO

Para começar, gostaria de enfatizar que alienação e distração são coisas distintas; no entanto, mui-

tas pessoas confundem as duas. Isso leva à ideia de que não se aprofundar em determinado assunto

para o próprio desenvolvimento pode ser tratado como “tempo perdido”, sendo visto apenas como

distração. Contudo, a falta de conhecimento sobre questões importantes para a igreja, sob o pretexto de achá-las uma distração, pode nos tornar alienados, orgulhosos e até retrógrados. Embora possam parecer semelhantes à primeira vista, distração e alienação têm implicações diferentes na vida cristã e no contexto de missão: a distração é um desvio temporário já a alienação é uma desconexão ou indiferença com a realidade.

Vivemos um momento na humanidade marcado pelo individualismo e indiferença, onde as pessoas buscam satisfação pessoal a todo custo, doses

gigantescas de dopamina são injetadas diariamente nas pessoas, através de suas redes sociais, causando compulsões, comparações e excessos. Muitos de nós estamos neste caminho onde infelizmente o nosso vício pelo prazer nos tira da realidade. No meio disso, a Igreja enfrenta o desafio de expandir o Reino de Deus em um contexto que frequentemente valoriza mais o “eu” do que o “nós”. Esse ambiente nos pressiona a adotar atitudes de isolamento, e a igreja, muitas vezes, sofre com a alienação cultural e a desconexão. No entanto, o Reino de Deus não é uma obra individual; ele é construído em comunidade, com o propósito de alcançar o mundo para a unidade.

O primeiro passo para expandir o Reino é resgatar essa consciência de corpo coletivo. Em Romanos 12.5 (NVI), Paulo nos lembra: “assim, em Cristo, nós, que somos muitos, formamos um só corpo, e cada membro está ligado a todos os outros”.

Expandir o Reino significa acolher e discipular, vivendo em comunhão genuína e alcançando o outro com o amor e a verdade de Deus.

Para a Expansão do Reino, a Unidade é Ne-

cessária

Um dos aspectos mais cruciais para vencer a alienação e fortalecer o Reino é estabelecer conexões saudáveis com outras igrejas saudáveis, essas conexões saudáveis nos permitem compreender o que nossos irmãos na fé e líderes na nação têm feito para a expansão do Reino, sem que isso tire nossa essência. São comunidades que acompanham com eficácia, desenvolvem pessoas e as escutam. Um ambiente de alegria e paz, onde não há cobranças além da medida, mas sim um lugar de amizade e intimidade, onde o confronto de ideias não se transforma em conflito entre pessoas, e onde há um ambiente de cooperação em vez de competição. Não podemos crescer de forma isolada; a unidade entre as igrejas é um testemunho vivo do amor de Deus para o mundo, Deus está realizando algo no Brasil não só na ICB, mas também através da ICB.

Quando nos isolamos, inevitavelmente nos alienamos, pois, compartilhar tempo de mesa é um momento intencional e significativo de convivência e comunhão, onde relacionamentos profundos são criados, ao compartilhar experiências e

“

O primeiro passo para expandir o Reino é resgatar essa consciência de corpo coletivo.

”

fortalecer vínculos. Desses lugares surgem conversas sinceras, reflexões, encorajamento e apoio mútuo. E tenho a plena convicção de que nós como ICB temos muito a compartilhar com o Brasil, nosso testemunho e história, aquilo que Deus tem nos usado para fazer como parte do seu Reino no Brasil precisa ser compartilhado, além disso, também, poderemos ouvir aquilo que Deus tem feito no Brasil através de outras comunidades, isso pode nos colocar na rota de um verdadeiro avivamento para a nação. O pastor Rick Warren em seu livro “Uma Igreja com Propósitos” disse: “Creio

“

É fundamental compreender que precisamos uns dos outros, como cada parte do corpo precisa funcionar para o corpo prosperar como um todo.

”

que Deus envia as ondas de crescimento para onde seu povo esteja preparado para “pegá-las”. Nunca, na história do cristianismo, houve igrejas tão grandes como as de hoje. E a maioria delas não está nos EUA. Embora a história dessas igrejas seja muito interessante, acredito que a maioria delas ainda está para ser construída. Talvez você seja a pessoa escolhida por Deus para fazer isso.”

O que podemos aprender com isso? Nós não produzimos ondas, Deus as produz, nossa missão é sermos bons surfistas. Deus está fazendo algo grande em nossa nação, se estivermos alienados a isso e não estivermos alinhados em amor e parceria, limitamos o alcance da nossa missão. É fundamental compreender que precisamos uns dos outros, como cada parte do corpo precisa funcionar para o corpo prosperar como um todo. Isso expande nossas perspectivas, fortalece nossa missão e dá maior poder ao testemunho cristão em meio a uma sociedade fria e dividida.

Alienação Cultural

Outro aspecto de alienação que enfraquece o impacto da igreja é a alie-

nação cultural. Em muitas áreas onde a igreja se cala, o mundo se pronuncia, e o faz em voz alta e influente. Vejamos por exemplo, a quantidade de artistas que em seus shows tem feito explicitamente grandes rituais de ocultismo e satanismo. Quando nos omitimos sobre temas de justiça, moralidade, saúde mental, sobre a arte, educação e outros assuntos relevantes, inclusive sobre o que é viver uma vida plena em Deus, estamos dando espaço para que o mundo defina essas pautas.

Como brasileiros temos uma cultura, que envolve nossa alegria e jeito de ser, porém, a alienação cultural nos deixa desconectados e irrelevantes em questões que tocam a vida cotidiana, e até mesmo em ser aquilo que Deus nos chamou para ser. A sociedade anseia por valores sólidos e orientações que conduzam à vida plena, e a Igreja tem uma mensagem poderosa a compartilhar. Não podemos nos esconder ou esperar que “alguém” fale por nós; é nossa responsabilidade proclamar a verdade e confrontar a cultura do mundo com sabedoria e amor, mas sem negociar nossos princípios e valores para isso, e em paradoxo, sermos indiferentes e negligenciarmos temas sen-

síveis, fingindo que não existem e não precisam ser discutidos. Isso não resolve o problema.

A Urgência do Envolvimento Missionário na Expansão do Reino de Deus

Para superar essa alienação cultural, precisamos de coragem para falar e agir, e é aqui que entra outro ponto importante sobre o assunto “Alienação”, o nosso envolvimento missionário. Segundo dados recentes, aproximadamente 3 bilhões de pessoas no mundo ainda não ouviram o Evangelho, com mais de 7.000 povos não alcançados. Esse número nos desafia a expandir nossos esforços missionários. Missões não são apenas uma atividade da igreja; são o coração do Reino de Deus. O clamor que precisamos levantar é: “Senhor o que está doendo em seu coração que deve doer em nosso coração também”. Precisamos nos envolver profundamente com esse chamado, sabendo que ainda há uma grande lacuna a ser preenchida. O campo missionário está repleto de oportunidades, mas também de necessidades. Acredito que precisamos nos comprometer em enviar e apoiar missionários,

“

A expansão do Reino começa quando cada um de nós assume a responsabilidade de ser sal da terra e luz do mundo, alcançando e servindo com humildade, e reconhecendo a urgência de espalhar as boas-novas a todos.

”

desenvolver programas de evangelismo, e investir recursos, talentos e tempo para alcançar aqueles que ainda estão à margem do Evangelho.

A expansão do Reino começa quando cada um de nós assume a responsabilidade de ser sal da terra e luz do mundo, alcançando e servindo com humildade, e reconhecendo a urgência de espalhar as boas-novas a todos.

Concluo que, a alienação da igreja é uma barreira que enfraquece nossa missão, estamos tão preocupados com nossas grandes conferências, com a organização perfeita da

estrutura de nossas comunidades que nos esquecemos em alguns momentos do que realmente importa para Deus: PESSOAS! As pessoas são mais importantes do que os processos.

É tempo de recuperar o verdadeiro sentido da igreja, da comunhão com outras igrejas e do compromisso missionário. Nossa responsabilidade como igreja não é apenas manter a nossa fé, mas compartilhá-la e multiplicá-la de forma eficaz e assertiva. O Reino de Deus é uma realidade comunitária e coletiva que se expande à medida que cada um de nós decide viver em unidade, proclamar com coragem, e se envolver em missões de forma intencional e não só quando surgem demandas ou necessidades específicas.

Ao enfrentarmos a alienação, que possamos nos lembrar do poder do Evangelho que unifica, do Espírito que nos fortalece, e do compromisso de Cristo que nos chama de Seus embaixadores em um mundo fragmentado.

(Citação: “Uma igreja com propósitos” Rick Warren, dados: joshuaproject.net; operationworld.org; imb.org)

Pr. Lucas Medeiros
ICB Mauá - SP



INFLUÊNCIA NA PREPARAÇÃO DOS JOVENS

A preparação dos jovens pode ser influenciada por diversos fatores, como

a escola, a família, a sociedade, a tecnologia, a cultura, os valores e as cren-

ças. Todos esses elementos são importantes na formação dos jovens, mas, como

líderes espirituais, nada é mais importante do que os valores e as crenças. E, certamente, isso está ligado diretamente à educação.

Ao nos determos um pouco mais nesses dois últimos elementos da preparação dos jovens, precisaremos observar alguns pontos cruciais na estrutura da preparação deles e começarmos a influenciá-los para que estejam preparados para o que está por vir. Sabemos que será um grande desafio para toda a igreja falar sobre o tempo do fim. Satanás usará todas as armas para

roubar a fé dos filhos de Deus. Jesus disse em Lucas 18:8: “Digo-vos que depressa lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará fé na terra?”

Por isso, como líderes, temos uma grande responsabilidade em treinar não só a igreja, mas também as próximas gerações para lidar com esse tempo desafiador.

1. Quanta informação a igreja disponibiliza aos jovens diante de acontecimentos mundiais?

Não é difícil perceber que vivemos um tempo de relativismo quanto aos assuntos bíblicos e espirituais. Quantos hoje, até mesmo dentro das igrejas, não questionam aquilo que para nós é fundamental para a fé cristã? Isso ocorre devido ao intenso investimento do inimigo para desestabilizar essa geração, ao ponto de questionarem doutrinas essenciais da fé cristã.

O pastor Voddie Baucham disse: “Não podemos continuar a enviar os nossos filhos a César para estudar e ficarmos surpresos quando eles voltarem para casa como romanos.”

O que ele quis dizer com essa frase é que existe um grande investimento na doutrinação das nos-

sas crianças, adolescentes e jovens. Como cristãos, precisamos, com urgência, nos atentar a isso antes que seja tarde demais para os nossos para eles. Essa missão passa não apenas pelas escolas bíblicas dominicais em nossas comunidades, mas também pelo tempo dedicado ao discipulado com cada um deles. É óbvio que não podemos abrir mão da educação necessária, escolas, seminários e conferências, mas acredito que o principal meio de os influenciar seja um tempo de discipulado e acompanhamento pessoal com eles. O ensino prático, a vivência e a participação nas rotinas dessa geração, os influenciarão pelo exemplo.

Segundo uma pesquisa da LifeWay Research, 66% dos jovens deixaram de frequentar a igreja por pelo menos um ano entre os 18 e 22 anos. Outras pesquisas indicam que o Brasil tem mais de 16 milhões de pessoas desigrejadas.

O termo “desigrejados” é usado para descrever pessoas que abandonaram as igrejas, mas continuam a seguir os princípios do cristianismo. A maioria dos desigrejados no Brasil são jovens de 16 a 34 anos. Independentemente dessa palavra ser teologicamente correta

“

Por isso, como líderes, temos uma grande responsabilidade em treinar não só a igreja, mas também as próximas gerações para lidar com esse tempo desafiador.

”

ou não, o que fica claro é que precisamos fazer algo para blindar esse grupo de irmãos e alcançar os de fora.

Muito disso se deve ao pouco conhecimento bíblico e doutrinário que muitos dos nossos jovens possuem. Eles não têm sequer o básico dos fundamentos da fé cristã. Por esse motivo, quando confrontados pela cultura maligna nas universidades brasileiras, sentem-se acusados e muitos até mesmo abandonam sua fé para serem aceitos pelos novos colegas. Por esse e vários outros motivos, temos um

“

Creio que chegaremos a uma resposta lamentável e triste. Eles não estão preparados espiritualmente e emocionalmente para lidar com esse mundo terrível das universidades.

”

grande desafio pela frente. E nada é mais inspirador do que ser discipulado e acompanhado de perto por aqueles que admiramos, os pastores.

O autor da carta aos Hebreus nos deixa uma instrução poderosa. Em Hebreus 13.7, lemos: “Lembrem-se de seus líderes que lhes ensinaram a palavra de Deus. Pensem em todo o bem que resultou da vida deles e sigam seu exemplo de fé.”

Segundo o texto de Hebreus, são dois pontos importantes a serem considerados pelos liderados. O primeiro ponto: “Lembrem-se de seus líderes que lhes ensinaram a palavra de Deus”. Houve um treinamento. Um momento para capacitar esses novos na fé, segundo a palavra de Deus. Aqui entram os fundamentos da fé, uma base sólida, os princípios e valores do Reino de Deus.

E o segundo ponto: “Pensem em todo o bem que resultou da vida deles e sigam seu exemplo de fé”. Aqui se trata do testemunho de vida. Não eram apenas teorias ou doutrinas, mas um exemplo prático de um estilo de vida. Mais do que mentores, bons professores, precisamos ser exemplos práticos de um estilo de vida que glorifica a Deus. Isso certamente irá inspirar os

nossos jovens.

Em Hebreus, observamos que o que se ensinava era vivido! Precisamos disso: O QUE SE ENSINA SE VIVE. O que se prega, se pratica. Doutrinar na palavra e no exemplo de vida. Influenciar através da palavra, mas também pelo comportamento exemplar.

2. O dilema ao enviar nossos filhos para a faculdade por medo da influência exercida sobre eles.

Já esse segundo assunto talvez seja um dilema que muitos de nós enfrentamos, não apenas dentro de nossas casas, mas também dentro de nossas igrejas. Recentemente, o Pastor André Valadão disse algo a respeito desse assunto. Ele mencionou que, se fosse para seus filhos se desviarem dos caminhos do Senhor, era melhor não enviá-los para as faculdades. Eu até compreendo o tamanho do dilema que enfrentamos nesse assunto. Eis a questão: enviar ou não enviar nossos filhos para as universidades?

Acho que a pergunta a ser feita é: o que há em nossos filhos que os impossibilita de estar em uma universidade? Creio que chegaremos a uma

resposta lamentável e triste. Eles não estão preparados espiritualmente e emocionalmente para lidar com esse mundo terrível das universidades.

Veja o que Jesus disse em João 17.14-15: “Eu lhes dei a tua palavra. E o mundo os odeia, porque eles não são do mundo, como eu também não sou. Não peço que os tires do mundo, mas que os protejas do maligno.”

O mundo sempre nos odiou. O mundo sempre foi um lugar hostil para os filhos da luz. Não creio que devemos evitar que os nossos jovens estejam

nesses lugares. Isso nem deveria tirar nossa paz. Creio que precisamos prepará-los melhor para essas situações e sermos auto-críticos ao examinar se estamos discipulando bem aqueles que enfrentarão essas batalhas. Claro que devemos ponderar os conteúdos existentes nessas universidades, mas nem todas estão um caos. Ainda existem boas universidades, e nossos jovens precisam ser luz nesses lugares. Continuando a leitura no evangelho de João, veja o que Jesus disse em sua oração: “Assim como tu me enviaste ao mundo, eu os envio ao mundo.” - João 17.18.

Fomos enviados pelo próprio Senhor para sermos luz e transformar todas essas esferas da sociedade. Dito isso, qual é o nosso dever como pais biológicos e espirituais? Vou novamente usar as palavras do Pastor Valddie Baucham, que diz: “Se os pais têm criado os seus filhos para serem médicos, advogados, esportistas, músicos, mas não os criam para honrar e obedecer a Deus, eles fracassaram.”

Talvez esse seja o grande problema existente em nosso tempo. Muitos ensinam aos jovens a construírem para o futuro e não para a eternidade. Quando ensinamos a

eles sobre honrar e obedecer a Deus, ensinamos a eles a construírem para a eternidade. Quando os instruímos a se profissionalizarem apenas e a não viverem para seu propósito, os estimulamos a olharem para o futuro, mas não para a eternidade. Aí começa a queda deles!

Gosto de pensar e refletir nesses textos e o quanto precisamos usá-los para instruir nossos jovens. São claros e apontam como devemos nos mover. Mover-nos para a eternidade.

“Trabalhai, não pela comida que se acaba, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará. Deus, o Pai, o aprovou, pondo nele o seu selo.” - João 6.27

“Pois não fixamos o olhar nas coisas visíveis, mas naquelas que não se veem; pois as visíveis são temporárias, ao passo que as que não se veem são eternas.” - 2 Coríntios 4.18

“Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os consomem, e os ladrões invadem e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem os consomem, e os ladrões não invadem nem roubam.” - Mateus 6.19-20

Que o Senhor nos capacite e nos dê graça e

**“
Muitos ensinam
aos jovens a
construírem para o
futuro e não para a
eternidade.”**

”

que estejamos disponíveis para prepararmos a próxima geração para construir com vistas a eternidade e não apenas ao futuro.

3. Nem todo jovem será um pastor, mas com certeza será uma testemunha atuando nas esferas de influência da sociedade.

Quando a Palavra de Deus diz que somos sal e luz desta terra, ela está falando sobre a nossa responsabilidade como cristãos na sociedade.

A nossa identidade, como nascidos de novo, vai além de sermos corpo de Cristo. Temos a missão de anunciar as boas-novas, as verdades de Deus. Ele deseja tratar todas as esferas dos nossos relacionamentos atuais e futuros. Deus tem levantado cristãos em todos os setores da sociedade. Nosso alvo deve ser proclamar as suas verdades, testemunhar e refletir a Sua glória em todas as esferas, nas quais essa nova geração pode atuar.

Além de proclamar o evangelho, nós precisamos levantar pessoas vocacionadas para serem juízes, professores, médicos, políticos, cientistas, atletas entre tantas profissões. Há um propósito! Deus quer usar os talentos e habili-

“

Além de proclamar o evangelho, nós precisamos levantar pessoas vocacionadas para serem juízes, professores, médicos, políticos, cientistas, atletas entre tantas profissões. Há um propósito!

”

dades dessas pessoas para que Ele seja glorificado em todas essas áreas da sociedade.

O problema acontece quando deixamos de viver para a glória de Deus, para buscarmos nossas próprias ambições humanas. Por esse motivo, é tão importante o discipulado intenso com essa geração que em breve serão homens e mulheres de Deus para fazer a diferença onde estiverem. Erroneamente, alguns acreditam que eles só podem ser usados por Deus em contextos ministeriais eclesi-

ásticos, mas todas as áreas ministeriais são importantes. Um texto que retrata bem isso é o que Paulo disse em Filipenses 4.3: “E peço também a ti, meu verdadeiro companheiro, que as ajudes, pois trabalharam comigo no evangelho, junto com Clemente e com meus outros cooperadores, cujos nomes estão no livro da vida.”

Em outras palavras, esses tais, pelo menos para nós e para o mundo desde que a carta foi escrita, ficaram no anonimato. Ou seja, não se sabe quem eles são. Não se sabe quais são seus respectivos nomes! Entretanto, embora não possamos identificá-los, estamos certos de que eles foram tidos por notáveis em razão da obra que realizaram. Cumpriram seus propósitos, cooperaram, e seus nomes estão no livro da vida. Senhor, nos dê sabedoria para ensinar essa verdade espiritual. Que Jesus seja notável e não eu. Que vivamos para a glória de Deus e vivamos para que Ele seja conhecido. “Ele deve se tornar cada vez maior, e eu, cada vez menor.” - João 3.30.

Deus abençoe sua vida, família e ministério!

*Pr. Hilquias Vieira
ICB Perdões - MG*

A INFLUÊNCIA DO POVO DO REINO

“Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para olocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para

que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.” – Mateus 5.13-16

Se o povo do Reino não tivesse a natureza descrita em Mateus 5.3-12, não poderia ter qualquer influência sobre o mundo. Precisamos entender que a influência do povo do Reino vem da sua natureza, do que eles são. Se somos tal povo, certamente exerceremos uma grande influência sobre as pessoas

mundanas ao nosso redor. Espontaneamente influenciaremos a terra corrompida e o mundo em trevas.

A realidade que vivemos em nossos dias é que a influência da vida da igreja é deficiente, o mundo todo está corrompido e em trevas. Hoje, como uma preparação para a volta do Senhor, há a necessidade urgente de que todos esses povos corrompidos e cheios de trevas sejam conduzidos a estar sob a influência da vida do



“

Jesus iniciou o sermão da montanha falando da natureza do povo do Reino. Então, passou a tratar da influência desse povo sobre o mundo.

”

Reino dos céus.

Jesus iniciou o sermão da montanha falando da natureza do povo do Reino. Então, passou a tratar da influência desse povo sobre o mundo. Para mostrar o poder da influência do cristão, Jesus usou duas analogias; o sal e a luz. O sal aponta para o caráter interior, e a luz, para a conduta exterior.

O SAL DA TERRA

“Vós sois o sal da ter-

ra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens.” – Mateus 5.13

Quem pode ser sal da terra? Somente aquele que possuir as características mencionadas nas bem-aventuranças. Quem não as tem não pode ser sal, pois não consegue exercer influência alguma, nem tem poder algum em sua vida. Mas uma vez que es-

sas características se manifestem, então podemos ser o sal da terra.

O sal é comparado ao nosso caráter e possui características bem específicas, as quais Jesus usou para nos ensinar. O Senhor fez analogia com o sal e podemos dizer que o sal tem pelo menos cinco características:

A. Dá sabor

Quando a Igreja está manifestando a nature-

za santa do Reino, ela empresta seu sabor para tornar este mundo mais agradável. O ato de salgar não é feito individualmente. Deus nunca planejou isso. Seu propósito é coletivo: a Igreja como um corpo, manifestando um grande poder de influência. Jesus disse: “vós sois o sal da terra”, não “vós sois os sais”. “Vós sois” é plural, mas “o sal” é singular. Portanto, concluímos que o trabalho não é feito um por um, mas nós, juntos e em unidade, reunidos na comunhão e vinculados em amor, possuímos o poder de ser o sal; o poder de fazer diferença e dar sabor à vida das pessoas. Uma pessoa sozinha não dá sabor, mas quando nos reunimos, as pessoas chegam e sentem um sabor diferente entre nós. Quando a igreja se reúne, o sal se manifesta dando sabor para quem se aproxima e se mistura ali. Contudo, esse sabor só poderá ser percebido na comunhão, no relacionamento e no ambiente.

B- Produz sede

Quando manifestarmos a natureza das bem-aventuranças, as pessoas que estão próximas a nós começarão a sentir anseio e sede por conhecer o Senhor. Podemos ver o sal

“

O ato de salgar não é feito individualmente. Deus nunca planejou isso. Seu propósito é coletivo: a Igreja como um corpo, manifestando um grande poder de influência.

”

atuando quando pessoas se envolvem conosco e são influenciadas a beberem da preciosa água do Espírito. Só bebe da água viva quem tem sede, e é o sal que desempenha a função de gerar sede.

C – Preservar da deterioração

O sal foi colocado no mundo para impedir que ele se deteriore. Estamos aqui para impedir que este mundo apodreça de vez. Essa é a nossa função. A carne não é culpada por apodrecer, por isso jamais devemos condenar e julgar o mundo lá fora. Enquanto o sal da terra estiver aqui,

haverá esperança de vida para quem está no mundo. Se a sociedade está corrompida e apodrecida, o primeiro motivo é a presença de pouco sal, talvez o problema esteja no sal, que não está cumprindo seu propósito. Salvos vencedores são o sal da terra. São eles que impedem que a podridão dos germes do inferno venha destruir a sociedade.

“Com efeito, o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém” – II Ts 2.7

D – Arde quando colocado sobre a ferida

Vimos que o sal é para dar sabor, despertar sede e preservar da deterioração. Mas há ainda uma quarta função: o sal causa ardência. Quando colocado numa ferida, ele gera um ardor insuportável, mas pode levar à cura.

Evangelizar nem sempre é festa. Aqueles a quem estamos evangelizando nem sempre vão sorrir para nós. Quando o evangelho é verdadeiramente pregado, o sal arde. Assim, se quisermos pregar o evangelho para as pessoas, teremos de esfregar o sal em suas feridas para haver cura pelo

arrependimento. Quando alguém ferido recebe o sal, justamente na carne exposta, um ato natural de revidar com aspereza e revolta pode acontecer. Mas não devemos desanimar; ainda que as pessoas não entendam, é para o bem delas que passamos o sal da Palavra que cura a ferida do pecado. Estamos limpando e higienizando a infecção espiritual que está matando a pessoa.

E – É o sinal da Aliança

Em Levítico 2.13, o Senhor disse: “Toda oferta dos teus manjares temperarás com sal à tua oferta de manjares não deixarás faltar o sal da aliança do teu Deus; em todas as tuas ofertas aplicarás sal”.

No Velho Testamento, todo o povo vinha trazer ofertas a Deus e uma delas era a de manjares, que envolvia o prazer de conhecer e ter comunhão com Deus. Essa oferta se relacionava especificamente com gratidão e adoração. O nome manjar aponta para algo apetitoso que promove muito prazer. Ela era uma oferta de comunhão com Deus e não podia ser oferecida sem a presença do sal. A intimidade da aliança é reservada para aqueles que têm fome e sede do Senhor. Há

“

Na verdade, o sal pode perder sua propriedade e utilidade e tornar-se até perigoso quando é misturado a outras substâncias.

”

uma relação íntima entre a aliança com o Senhor e ser o sal da terra. Nesse caso, é verdadeiro dizer que temos tudo de Deus quando Ele tiver tudo de nós.

O Sal Pode Perder o Sabor

Em Mateus 5.13, que o sal pode perder o sabor:

“Vocês são o sal da terra. Mas se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens.”

A eficácia do sal tem uma condição: conservar sua salinidade. O sal

é um elemento químico, o cloreto de sódio, que na realidade nunca perde sua propriedade salina, nunca deixa de ser sal nem perde o sabor, porque é estável. Todavia, ele pode ser misturado a outras substâncias impuras tornando-se, então, inútil e até mesmo perigoso.

Precisamos entender o que Jesus quis dizer com o fato de o sal perder o sabor. Na verdade, o sal pode perder sua propriedade e utilidade e tornar-se até perigoso quando é misturado a outras substâncias. A mistura nos fala daquela diferença que existe entre nós e o mundo, entre os nossos valores e os valores do mundo, entre o nosso comportamento e o comportamento do mundo. Quando essa diferença desaparece, perdemos o sabor. Se a fronteira que separa as coisas de Deus das coisas do mundo não está bem definida, nos tornamos o sal que perdeu o sabor. Se não há diferença clara entre a igreja e o mundo, então somos o sal que está perdendo o sabor.

Naquele dia, Deus elogiará apenas o sal que for bom: o que salga, que desperta sede, que dá sabor, que impede a deterioração e que arde; o sal da aliança do Senhor. Esse sal tem um valor precioso, pois cumpre sempre o

propósito de Deus. Os homens que são esse sal sempre expressarão a Deus e glorificarão Seu nome.

A LUZ DO MUNDO

“Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.” – Mateus 5.14-16

Enquanto o sal tem, principalmente, uma ação negativa de matar os germes e preservar da corrupção, a luz tem uma função positiva de iluminar e dissipar as trevas. Assim, Jesus chama Seus discípulos para exercerem uma influência dupla no mundo: como sal, devemos impedir a propagação do mal; e como luz, promover a propagação da verdade, da beleza e da bondade.

A ilustração que o Senhor usou foi de uma cidade sobre o monte. Não é uma questão de ser luz individualmente, mas de cada igreja ser uma cidade sobre um monte. Assim como ao falar do sal, a Palavra do Senhor nesse tex-

to não foi para pessoas individualmente, mas para a Igreja enquanto corpo. Nenhum de nós pode ser sal ou luz adequadamente, sozinho. Ele disse “vós sois a luz do mundo” e não “vós sois as luzes do mundo”. Se nos separarmos da igreja local ou participarmos de uma igreja doente, não poderemos ser sal ou luz do mundo apropriadamente.

Quando pensamos na analogia da luz, precisamos ter em mente quatro características básicas da luz:

- A luz dissipa as trevas;
- A luz é direção e rumo;
- A luz representa luzidez, clareza e esclarecimento;
- A luz representa amor (I João 2.8-11).

Com o passar dos séculos podemos perceber que o mundo, com todo o seu conhecimento: medicina, tecnologia, informação, informática, astronomia, não tem conseguido tirar nenhum ser humano das trevas. Na verdade, nunca tivemos tanta gente nas trevas e a resposta é simples: O mundo que está em trevas, não pode iluminar a si mesmo!

“Vós sois a luz do mundo”! Essa afirmação de Jesus deixa bem claro que somente os seus ver-

dadeiros filhos e discípulos, é que podem trazer à luz a verdade de Deus para o mundo. Somente a Igreja de Cristo pode iluminar o mundo em trevas! Isso nos chama atenção para a afirmação de Jesus que “a luz pode ser escondida”, e isso é algo terrível para o mundo em trevas.

A Luz Pode Ser Escondida

Assim como o sal pode perder o sabor e deixar de salgar, a luz também pode ser escondida e perder sua utilidade. O Senhor Jesus mostrou que existem quatro situações em que nossa luz pode ser

“

Enquanto o sal tem, principalmente, uma ação negativa de matar os germes e preservar da corrupção, a luz tem uma função positiva de iluminar e dissipar as trevas.

”

escondida:

A – A luz pode ser escondida debaixo do alqueire

“Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para - olocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa.”
– Mateus 5.14,15

O alqueire era uma espécie de cesto usado para guardar grãos. O alqueire, portanto, está relacionado com a comida e o sustento do dia-a-dia. Esconder a luz debaixo do alqueire significa que estamos embriagados com as necessidades físicas e ansiosos quanto ao nosso sustento.

B – A luz também pode ser escondida debaixo da cama.

“Também lhes disse: Vem, porventura, a candeia para ser posta debaixo do alqueire ou da cama? Não vem, antes, para ser colocada no velador?” – Marcos 4.21

Naturalmente, a cama nos fala de duas coisas: ociosidade e sensualidade. Essas duas coisas são dois de nossos piores inimigos.

Quando nos envolvemos com elas, não podemos resplandecer apropriadamente.

C – A luz também pode ser escondida sob de um vaso

“Ninguém, depois de acender uma candeia, a cobre com um vaso ou a põe debaixo de uma cama; pelo contrário, colocá-la sobre um velador, a fim de que os que entram vejam a luz.” – Lucas 8.16

Um vaso pode ter muitas utilidades, principalmente decorativas. Alguns tipos de vasos deveriam destacar outras coisas, não a si mesmos, como por exemplo, um vaso com flores. Porém, no texto acima o vaso é citado para esconder e não para destacar. A nossa luz não pode ser escondida. Na verdade, ela deveria ganhar destaque em nós.

D – A luz pode ser colocada num lugar escondido

“Ninguém, depois de acender uma candeia, a põe em lugar escondido, nem debaixo do alqueire, mas no velador, a fim de que os que entram vejam a luz.” – Lucas 11.33

Quando nos esconde-

mos e nos ocultamos com medo da rejeição e da perseguição, estamos escondendo nossa luz. O Senhor nos fala nessa passagem do medo e da timidez para testemunhar do Senhor. Isso significa que se não nós expressarmos, compartilhando as boas novas com nossa voz e nossa vida, impediremos os homens de verem a Deus por meio de nós. Nossa luz são as nossas obras e essa luz é uma notável expressão de Deus na terra.

Bispo Sérgio Affonso

(Adaptado do Livro “Constituição do Reino dos Céus”)

“

Esconder a luz debaixo do alqueire significa que estamos embriagados com as necessidades físicas e ansiosos quanto ao nosso sustento.

”

EVANGELHO COACH X EVANGELHO RAIZ



O que mais temos visto nos últimos anos, em nosso meio, é um crescente debate sobre as diferentes formas de entender e viver o evangelho. Percebemos em alguns momentos e lugares um evangelho mais tranquilo, voltado para o bem-estar, conforto pes-

soal, sem compromisso, voltado para a prosperidade e ao mesmo tempo sem transformação. Isso me faz lembrar do texto em Ezequiel 34, onde Deus condena os pastores de Israel que deixaram de cuidar das ovelhas para cuidar de si próprios. Influenciados

por essa crescente, encontramos as pessoas vivendo mais para si e esquecendo do próximo, perdendo assim a essência do Verdadeiro Evangelho.

Duas abordagens que podemos nomear aqui e que frequentemente se

destacam são o “evangelho coach” e o “evangelho raiz”. Usamos o termo “evangelho raiz” para destacar o Verdadeiro Evangelho. Enquanto o primeiro enfatiza a realização pessoal e o sucesso, o segundo se concentra na transformação do homem e na centralidade da Cruz de Cristo. A forma como essas abordagens se manifesta nas igrejas pode influenciar não apenas a vida espiritual de seus membros, mas também a maneira como eles se relacionam com Deus e com o próximo.

Evangelho Coach

O “evangelho coach” se tornou popular em muitas igrejas, especialmente em cultos voltados para o público jovem. Essa abordagem geralmente envolve mensagens que promovem a autoconfiança, a prosperidade e a realização de sonhos. Muitas vezes, líderes e pastores adotam discursos motivacionais, encorajando os fiéis a acreditarem em si mesmos e a buscarem suas metas. A ideia de que Deus está à disposição para ajudar na conquista de objetivos pessoais é frequentemente reforçada com versículos como Filipenses 4.13: “Tudo posso naquele que me fortalece”

(NAA). Frequentemente utilizado para transmitir uma mensagem de autoconfiança e potencial ilimitado. Outro texto é Salmos 37.4: “Deleita-te também no Senhor, e ele te concederá os desejos do teu coração.”. Esse, muitas vezes é interpretado como uma promessa de que, se você estiver em sintonia com Deus, Ele atenderá seus desejos pessoais.

Esse tipo de pregação cria uma cultura onde os membros se sentem pressionados a alcançar o sucesso, levando-os a uma comparação constante com os outros. Além disso, essa abordagem desvia o foco da Igreja em relação à sua missão integral, transformando a fé em uma mera ferramenta de autoajuda.

Evangelho Raiz, O Verdadeiro Evangelho

Em contraste, o “evangelho raiz” ou o Verdadeiro Evangelho, se destaca pela ênfase no arrependimento e na humildade diante de Deus. Esta abordagem busca restaurar a mensagem central do cristianismo, que é a salvação através da fé em Jesus Cristo.

De modo geral, a prá-

tica do culto, a leitura da Bíblia e o estudo em grupos são enfatizados, promovendo um ambiente onde a Igreja aprende a depender de Deus e a reconhecer sua própria fragilidade. Romanos 3.23 é frequentemente lembrado: “Porque todos pecaram e carecem da glória de Deus”, o que reforça a importância do arrependimento e da graça.

Glorifico a Deus, pois a nossa Igreja Casa da Bênção, não negocia o Verdadeiro Evangelho. Nossas pregações são voltadas para a transformação do homem, de dentro para fora, na comunhão entre os irmãos e na capa-

“

A ênfase na autoajuda, pode levar à criação de uma Igreja focada no indivíduo, onde o sucesso pessoal é visto como um reflexo da fé.

”

citação de seus membros para irem e fazerem discípulos (Mateus 28.19-20).

O Impacto Disso Na Prática

A ênfase na autoajuda, pode levar à criação de uma Igreja focada no indivíduo, onde o sucesso pessoal é visto como um reflexo da fé. Isso pode resultar em um ambiente competitivo, onde os membros se sentem pressionados a exibir conquistas. Sabemos que, a ideia de que a fé deve resultar em prosperidade material pode levar à desilusão, especialmente quando as promessas não se concretizam.

Além disso, essa abordagem pode dificultar a empatia e a solidariedade. Em tempos de dificuldades, os membros podem se sentir isolados, pensando que a falta de sucesso é uma falha pessoal. A falta de um entendimento profundo do sofrimento e da redenção pode resultar em uma Igreja menos preparada para lidar com as adversidades da vida.

Por outro lado, o “evangelho raiz” ou Verdadeiro Evangelho, fomenta um ambiente de apoio e compreensão mútua. Quando os membros

reconhecem que todos enfrentam lutas e que a salvação é um presente de Deus, isso gera uma atmosfera de graça e aceitação. A prática do culto se torna um espaço para encorajamento e crescimento, onde as pessoas se reúnem para orar, apoiar e servir umas às outras, não deixando de cumprir sua missão.

Além disso, a ênfase na cruz e no sacrifício de Cristo promove uma compreensão mais profunda do amor de Deus e do propósito da vida cristã. Os membros aprendem a valorizar o serviço ao próximo e a viver de forma altruísta, conforme ensinado em Mateus 22.39: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Essa visão fortalece os laços e permite que a Igreja seja um reflexo do amor de Cristo ao mundo.

Podemos concluir dizendo que, a discussão entre o “evangelho coach” e o “evangelho raiz” revela muito sobre as necessidades e desafios enfrentados pelas igrejas hoje. Enquanto o primeiro pode oferecer motivação e incentivos para o desenvolvimento pessoal, o segundo convida os fiéis a uma jornada de transformação e dependência de Deus.

Para que as igrejas sejam verdadeiramente comunidades de fé, é essencial que suas mensagens e práticas reflitam a essência do evangelho, promovendo não apenas o crescimento individual, mas também o amor, a solidariedade e a adoração a Deus. A escolha entre essas abordagens não é apenas teológica, mas profundamente prática, moldando a vida diária dos crentes e a saúde espiritual da Igreja como um todo.

Louve a Deus pela igreja à qual você pertence, pois ela permanece firme na pregação da verdade e nunca renunciou aos princípios bíblicos. Ela se compromete a manter a veracidade das Escrituras, garantindo que a mensagem de Cristo seja proclamada com integridade e amor. Em um mundo em constante mudança, essa fidelidade é um testemunho poderoso da graça e da sabedoria divina, refletindo o caráter de Deus e o impacto transformador do Evangelho na vida dos homens. Agradeça por fazer parte de uma igreja que valoriza a Palavra de Deus e se empenha em viver seus ensinamentos diariamente.

Pr. Abner Chernne Alves
ICB Marília - SP

Casa Publicadora, sua Livraria On-Line!



CONFERÊNCIA
HUIOS
A REVELAÇÃO DOS FILHOS

 icb jovem

17|18|19 Abril